

**CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

LARA DENISE DE MEDEIROS RODRIGUES

**DA REDAÇÃO À SALA DE AULA:
COMO OS JORNALISTAS SE CONSTITUEM DOCENTES EM UM CURSO
DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL NA REGIÃO**

**BAGÉ
2017**

LARA DENISE DE MEDEIROS RODRIGUES

**DA REDAÇÃO À SALA DE AULA:
COMO OS JORNALISTAS SE CONSTITUEM DOCENTES EM UM CURSO
DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL NA REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica

**BAGÉ
2017**

LARA DENISE DE MEDEIROS RODRIGUES

**DA REDAÇÃO À SALA DE AULA:
COMO OS JORNALISTAS SE CONSTITUEM DOCENTES EM UM CURSO
DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL NA REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
Orientador
UNIPAMPA

Profa. Dra. Claudete da Silva Lima Martins
UNIPAMPA

Profa. Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
UNIPAMPA

Dedico este trabalho a todos os professores, colegas de curso, amigos e familiares que tornaram possível esse momento. Especialmente a colega Kassandra Naely que sempre esteve presente ao longo desta caminhada. Minha eterna gratidão a todos!

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Marthin Luther King)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pesquisar e analisar bacharéis em jornalismo que atuam como professores universitários preparando novos colegas para o mercado de trabalho. Esta pesquisa que tem com título: “Da redação à sala de aula: como os jornalistas se constituem docentes no curso de graduação em Comunicação Social na região”, usou como caminho indiciário compreender o status profissional e docente de como e de quem são os jornalistas que compõem o corpo docente de uma faculdade de comunicação social da Região da campanha, e nesta perspectiva buscar analisar o perfil destes jornalistas-professores e/ou professores-jornalistas constroem sua condição de professor universitário, pois, não possuem formação docente específica. Os dados qualitativos para realização desta pesquisa foram obtidos a partir de entrevistas semi estruturadas com quatro, dos cinco docentes do curso de comunicação social. As análises foram feitas com base em eixos e hipóteses, pautados pelas perguntas. Como resultados conclusivos desta pesquisa, entendemos que estes jornalistas formaram-se no exercício da prática docente e constituíram-se, a partir de dois aspectos: a pressão interna da instituição, exigindo a participação dos docentes em formações pedagógicas e adequações ao Ministério da Educação – MEC e, em segundo, as próprias buscas pessoais configuradas em especializações.

Palavras-Chave: Jornalista; formação de professores; ensino superior.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à rechercher et analyser les étudiants en Journalisme qui ont comme métier aujourd'hui professeurs universitaires préparant de nouveaux collègues pour le marché du travail. Avec le titre : De l'écriture à la classe: comment les journalistes constituent les enseignants du baccalauréat en communication sociale de l'URCAMP Bagé RS. Je fais une analyse qui concerne les journalistes qui composent aujourd'hui le corps de professeurs dans la Faculté de Communication Sociale de l'Université de la Région de Campagne.

Je fais aussi l'analyse de la compréhension et de la façon dont ils voient et construisent leur statut de professeur d'université, parce que, en substance, leurs formations sont techniques. Cette analyse est essentiellement basée sur les propres rapports des professionnels.

Mots-clés: Journaliste, Formation des Enseignants, Enseignement Supérieur.

Sumário

RESUMO.....	6
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 OCUPANTES DA DOCÊNCIA OU PROFISSIONAIS DOCENTES?.....	12
2.2 SABERES QUE CONSTITUEM UM DOCENTE EM NÍVEL SUPERIOR	15
2.3 O PROFISSIONAL DE JORNALISMO	17
2.4 “JORNASSORES” OU “PROFELISTAS”: A TEIA DE SABERES.....	19
3 A PESQUISA	24
3.1 OS PROFISSIONAIS PESQUISADOS	24
3.2 COLETA DE DADOS	26
3.3 ANÁLISE DOS DADOS	27
3.3.1 EIXO I	29
3.3.2 EIXO II	32
3.3.3 EIXO III	35
4 CONCLUSÃO	37
5 REFERÊNCIAS.....	39
6 ANEXOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo pesquisar e analisar a Formação de Professores Universitários. Serão utilizados, como recorte de pesquisa, os bacharéis em jornalismo que hoje atuam como professores universitários preparando novos colegas para o mercado de trabalho.

Com o título: ***Da redação à sala de aula: como os jornalistas se constituem docentes em um curso de graduação em Comunicação Social na região***, o presente projeto pretende analisar quem são os jornalistas que compõe o corpo docente da faculdade de comunicação social da Região de Bagé e traçar um entendimento sobre como encaram e constroem sua condição de professor universitário, pois, na essência, suas formações são de bacharelado.

Vive-se uma ambigüidade sobre o que representa valor para a profissionalidade docente. Como a pedagogia universitária é um campo epistemológico inicial e ainda frágil, estabelece-se um certo vácuo que favorece o impacto que as políticas públicas têm tido na definição dos conhecimentos legitimados que o professor universitário deve alcançar para ser reconhecido profissionalmente, com fortes repercussões sobre sua carreira profissional. A reflexão desses condicionantes e as possibilidades de novas alternativas vêm se configurando como um importante campo de produção do conhecimento e dos saberes docentes. (CUNHA, 2003, p.50)

A temática central da pesquisa está em definir quais elementos constituem estes jornalistas professores, já que estão em sala de aula e preparam novos profissionais para o mercado de trabalho. Afinal, existe diferença entre *dar aula* e *ser professor*? Existe uma exigência ou foco na formação de professores? Para buscar esse entendimento será necessário conceituar inicialmente o que é ser professor, o papel da didática, das práticas pedagógicas e das especializações na área educacional para esses jornalistas analisados.

Em um segundo momento, torna-se necessário compreender o conceito de 'dar aula' e o lugar do 'notório saber' em uma solidificação profissional como professor. Ao longo do contexto histórico brasileiro a educação e as formas de ensinar passaram por incontáveis fases, sempre acompanhadas de visões diferentes do ensinar. De acordo com ANASTASIOU (2005): [...] fundamental ter em mente [...] elementos da teoria didática, essenciais a uma construção da relação professor, aluno e conhecimento na educação superior [...]. É justamente a

importância dada a essa ideia de construção de saber que pretendo analisar a partir dos entrevistados.

O interesse pelo tema alia minha profissão de bacharel em jornalismo à condição de futura docente em Letras e Literaturas de Língua Portuguesa, assim, a arte de ensinar e suas relações com a arte de informar geram questionamentos, motivados pela própria desacomodação que o mundo universitário provoca nos professores. Esta inquietação, no meu caso específico, está direcionada aqueles indivíduos que atuam como jornalistas/professores ou professores/jornalistas em nível universitário, no curso de Comunicação Social da URCAMP/Bagé.

De acordo com CUNHA (2010, p. 26), historicamente o professor universitário se constituiu: [...] tendo como base a profissão paralela que exerce ou exercia no mundo de trabalho. A ideia de quem sabe fazer sabe ensinar deu sustentação à lógica do recrutamento dos docentes da educação superior. Em algumas profissões essa realidade acaba sendo mais presente, pela própria exigência técnica de executar funções, conseqüentemente, quem atua no mercado de trabalho é, automaticamente, aludido como expert, ocupando a docência.

Pensando nos processos educacionais, será que o saber técnico basta? A sociedade dificilmente se questiona sobre porque um profissional atuante no mercado pode se tornar '**da noite para o dia**' um professor universitário. Que *notório* saber é este que justifica alguém com *notável* saber ser responsável pela orientação profissional? Quem é esse professor responsável pela formação de futuros jornalistas que tratarão com as mais importantes questões sociais? Sim, essas questões nos cabem como discentes de um curso de licenciatura.

Pretendo neste trabalho entender como os jornalistas se constituem professores. Acredito que esta pesquisa poderá contribuir, de alguma forma, sobre o cenário da docência do Curso de Jornalismo em Bagé. Traçar tal paralelo pode não parecer, inicialmente, relevante para o professor de Letras/Literatura, mas é essa realidade que o jovem profissional vai enfrentar no mercado de trabalho moderno e atual, a mistura de fazeres e o conflito entre o conhecimento teórico, o domínio técnico e o significado social que esse profissional tem enquanto referência de competência e capacidade que geram visibilidade aos ambientes escolares, em qualquer nível. Sobre mistura de fazeres ANASTASIOU (2005, p.11) traz o seguinte conceito: "Buscamos então diferenciar ocupação de profissão, visando identificar se

em sala de aula universitária temos ocupantes da docência ou profissionais docentes”.

Os conceitos sobre/de formação de professores são discutidos constantemente nos cursos de licenciatura da UNIPAMPA, os saberes e práticas fundamentais para o exercício da profissão, como regular e avaliar a capacidade e eficiência do docente. Portanto, cabe a discussão se este profissional que detem o saber, detem também a capacidade formar, ou seja, de não apenas reproduzir mão de obra para e com um fim específico. Para CUNHA (2013) refletir a respeito do conceito de formação de professores exige que se recorra à pesquisa, à prática de formação e ao próprio significado do papel do professor na sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OCUPANTES DA DOCÊNCIA OU PROFISSIONAIS DOCENTES?

Para o desenvolvimento da proposta é indispensável apontar determinados saberes que constituem uma carreira de docente universitário e, desta forma, compreender como os bacharéis em Jornalismo se constituem professores do curso de Comunicação Social. As hipóteses exploradas aqui são norteadas por três categorias em especial:

- As memórias de aprendizado refletem na forma de fazer o ensino e de atuar enquanto docente?
- O jornalista/professor se alicerça numa suposta ‘missão de ensinar’ baseada na ideia de que “*Quem sabe fazer sabe ensinar*”? (CUNHA, 2004, p.526), isto é, o fazer técnico basta sobre o saber teórico e pedagógico;
- Para as faculdades – não públicas – a visibilidade do profissional atuante em jornais, tvs e rádios solidifica a imagem de qualidade dos cursos, ‘afrouxando’ a exigência de domínio do processo ensino-aprendizagem?

Também é indispensável contemplar a profissão jornalista e a de professor universitário em sala de aula e verificar os conceitos do Notório Saber¹ e como influenciam a docência dos jornalistas integrantes da pesquisa.

Como aporte teórico deste trabalho usaremos os estudos de NÓVOA (2010), professor e pesquisador português dedicado a investigar o universo da formação profissional docente. Em suas obras faz uma análise científica sobre a formação inicial e continuada, traz um olhar crítico acerca de uma nova cultura profissional.

Na obra, “Os professores e a sua Formação”, defende uma concepção de professores enquanto profissionais reflexivos, com capacidade de identificar as características do seu trabalho técnico e científico e o tipo de competências que precisam despertar em seus alunos para, inclusive, uma formação em serviço.

A forma como cada um de nós constrói a sua identidade profissional define modos distintos de ser professor, marcados pela definição de ideais educativos próprios, pela adoção de métodos e práticas que colam melhor com a nossa maneira de ser, pela escolha de estilos pessoais de reflexão

¹ Entendemos por notório saber uma forma de dispensar graduações e especializações específicas em licenciatura, a partir da alteração da Lei 9.394 de diretrizes e bases da educação nacional. Reforma impositiva, resultante da instalação de um novo cenário nacional com a troca da presidência da república.

sobre a acção. É por isso que, em vez de identidade, prefiro falar de processo identitário¹⁰, um processo único e complexo graças ao qual cada um de nós se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional. Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula? Que saber mobilizamos na nossa acção pedagógica? (NÓVOA, 2010, p.8)

Também faremos uso do aporte teórico da pesquisadora brasileira, Doutora em Didática pela USP, com pós-doutorado em Profissionalização continuada de Docentes Universitários, Léa das Graças Anastasiou, que defende a ideia da formação continuada em todos os níveis e de forma integrada, pois só assim a competência do professor universitário será efetivada, dando indícios de que só os conhecimentos técnico e de mercado não são suficientes para cumprir com eficiência o papel de professor universitário. É importante refletir sobre o papel do professor em sala de aula e a condição do bacharel, que ocupa funções de docência, sem saberes pedagógicos:

Analisando a situação dos que atuam hoje nas salas de aula da universidade, verifica-se que, com exceção dos docentes provenientes das Licenciaturas e Pedagogia, a grande maioria dos professores universitários não contou com a formação sistemática, necessária à construção de uma identidade profissional para a docência. Embora se encontrem dando aulas, nem sempre esses professores dominam as condições necessárias para atuar como profissionais docentes...(ANASTASIOU, 2005, P.11)

Sobre Formação de Professores, CUNHA (2003), discute o papel do sistema neste universo em que o conhecimento técnico é suficiente para ensinar. Uma realidade muito comum em faculdades do interior, onde a popularidade ou o reconhecimento social são determinantes para a consolidação no mercado de trabalho, até por que, a lógica capitalista exige execução de tarefas:

Diferentemente dos outros graus de ensino, o professor universitário se constituiu, historicamente, tendo como base a profissão paralela que exerce ou exercia no mundo do trabalho. A ideia de que quem sabe fazer sabe ensinar deu sustentação à lógica do recrutamento dos docentes. Além disso a Universidade, pela sua condição de legitimadora do conhecimento profissional, tornou-se tributária de um poder que tinha raízes nas macroestruturas sociais do campo do trabalho, dominadas, fundamentalmente, pelas corporações. A ordem "natural" das coisas encaminhou para a compreensão de que são os médicos que podem definir currículos de medicina, assim como os economistas o farão para os cursos de economia, os arquitetos para a arquitetura, etc. (CUNHA, 2003, p.46)

Dessa forma é necessário inserir em um processo de formação o professor universitário oriundo dos cursos de bacharelado, com uma reflexão a respeito dos

aspectos pedagógicos considerados essenciais para a formação e a ação docente na universidade. Muitos profissionais bacharéis, ao assumirem a docência na educação superior, se deparam com muitas dificuldades, sobretudo na condução do processo ensino aprendizagem.

“Os chamados saberes pedagógicos são, portanto, essenciais o desenvolvimento da docência na educação superior. Estabelecer objetivos, selecionar conteúdos, construir estratégias de ensino, aplicá-las e avaliá-las são tarefas que fazem parte do cotidiano dos docentes”.(MUNARI, FIEGENBAUM, BITTENCOURT, 2016).

2.2 SABERES QUE CONSTITUEM UM DOCENTE EM NÍVEL SUPERIOR

Visualizar a docência como profissão, exige muito mais do que o domínio da técnica fundamental ao exercício da atividade profissional. Requer constante evolução destes conhecimentos. Ser professor é fazer fluir o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, promover a uma troca de conhecimentos, compartilhar e vivenciar experiências e incentivar perspectivas levantadas pelos discentes.

Podemos dizer que a qualidade do ensino fica amplamente condicionada à qualidade do trabalho realizado pelo docente e isto depende de suas escolhas. Bons professores repercutem em ótimos profissionais que consolidam excelentes faculdades. Quanto à propriedade intelectual, CAMPOS (2010) entende que os saberes profissionais produzem sentido quando as práticas docentes são refletidas no momento do processo de ensino.

A autora pondera que o processo de ensino não pode se limitar a reprodução de conhecimentos: Se o docente não tiver clareza da importância dos conteúdos específicos da sua profissão correrá o risco de reduzir a sua ação à mera reprodução de modelos aprendidos ao longo da sua formação. (CAMPOS, 2010, p. 23).

O profissional que decide exercer a docência, inevitavelmente traz consigo uma bagagem de experiências e sua trajetória cultural, social e ideológica, outro indicativo de que nem o exercício da docência nem o processo de aprendizagem ocorrem da mesma maneira, dependem também de cada discente e de como se apropria destes conhecimentos. ANASTASIOU (2012), defende a Profissionalização continuada do docente da educação superior como uma forma de equalizar tantas variáveis.

Nesse contexto se inserem as experiências que denominamos de profissionalização continuada: profissionalização, porque se busca possibilitar tal nível de autonomia que os docentes sintam-se capazes de solucionar novas situações além das constituindo-se, para a maioria dos profissionais que atuam nas universidades, a principal experiência de sistematização de conhecimentos para o dar aulas. (ANASTASIOU, 2015, p.11)

Neste universo a autora sugere os Processos de Ensino², onde todos os sujeitos da aprendizagem se envolvem. Um professor atento nas escolhas das estratégias, que sejam adequadas aos objetivos do grupo, ao conteúdo a ser repassado e, principalmente, aos estudantes.

Compete ao professor planejar e conduzir esse processo contínuo de ações que possibilitem aos estudantes, inclusive aos que tem maiores dificuldades, ir construindo, agarrando, apreendendo o quadro teórico-prático pretendido, em momentos sequenciais e de complexidade crescente. (ANASTASIOU, 2012, p.23)

A docência em nível universitário, como mais uma opção de atividade laboral, vem sendo praticada por inúmeros profissionais, das mais diferentes áreas, sem o mínimo contato com o estudo da didática e/ou prática pedagógica. Uma das possibilidades está em as instituições de ensino superior valorizarem a experiência profissional em detrimento a formação didático-pedagógica. A ideia de que quem sabe, fazer sabe ensinar deu sustentação à lógica do recrutamento dos docentes (CUNHA, 2004, p.526).

Não é irresponsável afirmar que um número significativo de docentes do ensino superior nunca experimentou o magistério antes. Não possui experiência ou alguma formação pedagógica. Isso demonstra que aspectos como: “o que ensinar”, “como ensinar”, e “para quem ensinar” determinam se temos docentes em sala de aula universitária *ocupantes da docência ou profissionais docentes*”.

² Processos de Ensino é um conceito desenvolvido pela Doutora Léa das Graças C. Anastasiou, onde integra professor x aluno x ensinar x aprender, com intuito de produzir uma troca que gere qualidade no ensinar/aprender/apreender.

2.3 O PROFISSIONAL DE JORNALISMO

O debate sobre a regulamentação da profissão e a exigência do diploma em jornalismo atravessou as últimas décadas e ainda está muito presente. A legislação no Brasil não obriga (embora seja desejável) o diploma de graduação em jornalismo para exercer esta profissão. Um jornalista diplomado tem direito a registro profissional e para isso é necessário que faça graduação na área, que subsidiará de ferramentas fundamentais para o exercício da profissão.

Uma vez formado e registrado, a legislação sugere que siga às regras do *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, editado em 2007 pela Federação Nacional dos Jornalistas. Composto por cinco capítulos de 19 artigos, rege desde o direito a informação, até relações profissionais, passando pela conduta e as responsabilidades sociais deste profissional. Em seu Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista, Art. 4º cita: O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação. Esse artigo resume muito bem o conceito da profissão, as atividades que o jornalista desempenha, como deve se relacionar com os fatos e a sociedade. Ocorre que o *Status Quo*³, ajustes comerciais da empresa de comunicação e, até mesmo, alinhamentos políticos podem interferir no desempenho profissional, por isso, uma boa formação pode garantir profissionais mais qualificados.

Como vimos, há mais legitimidade do que uma legalidade formal na profissão. O recorte *jornalista* é mais claro quando se fala em proteção remuneratória pela capacitação técnica, ou na valorização do diploma feita por empresas jornalísticas que prezam a formação específica na área para contratação de seus funcionários. O conhecimento acadêmico e a formação científica em graduações especializadas são um sinal claro dos critérios da afirmação/aceitação social de uma dada atividade profissional. A sociedade é, claramente, a grande responsável por ratificar a profissão e, nesse universo de uma sociedade atenta, aberta e de acesso a diferentes mídias, não cabe o saber. Segundo SOUZA:

Do nosso ponto de vista, o jornalismo é um pouco de tudo isso, mas é um poder que tem de se legitimar continuamente pelas suas práticas, já que não

³ Status Quo: Expressão latina que significa o estado atual ou a situação em que algo se encontra.

tem suporte constitucional explícito, ao contrário do que sucede com os outros poderes. (SOUZA, 2010,p.195)

2.4 “JORNASSORES” OU “PROFELISTAS”: A TEIA DE SABERES

Assim como uma teia, que é resultado de um trabalho contínuo, o mundo sempre exige um novo fazer. O Mercado de trabalho, cada vez mais, cobra qualificação em nível superior e aprofundamento nas áreas específicas. São às novas demandas e exigências que não param, especialmente, para quem abraça a docência. A partir da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que trouxeram para o cenário reflexões sobre a finalidade do ensino superior (ensino, pesquisa e extensão), é necessário que cursos superiores possuam corpo docente qualificado, em sintonia com o atual contexto das instituições de ensino superior e as tendências atuais. Esta construção se dá pelo interesse do profissional e pela oferta possibilitada pela política pedagógica interna da instituição.

A identidade docente pode ser influenciada pelo contexto em que está inserida, entretanto, ela se cristaliza em cada docente, de maneira particular. Normalmente, decorre pela prática docente, pelas escolhas formativas tanto profissionais como pessoais. (SOARES, 2014, p.128)

O Ministério da Educação orienta que nas faculdades exista, para as disciplinas técnicas, docentes com a chamada “aderencia de área de conhecimento” que nada mais é que um profissional com vivência e conhecimento do mercado de trabalho. Para tanto, recomenda também que a Universidade promova atividades internas de formação continuada e programas de formação docente em nível didático e pedagógico. A partir dessas determinações, que são também cobradas durante às vistorias para atribuição de notas aos cursos, é uma realidade comum nas universidades - que não exigem dedicação exclusiva - serem compostas por professores que estão na ativa em empresas privadas. O ideal é que haja, como no título do capítulo, uma combinação de ‘A’ com ‘B’ que resulte em um ‘AB’ e não em uma terceira via, pois a qualidade no ensino depende dessas duas entidades na sua melhor forma, ou seja, *JORNAlistasprofeSSORES* ou *PROFEsoresjornaLISTAS*.

Entendemos que a maioria dos jornalistas, pela natureza da profissão, estão acostumados com as transformações, devido ao cenário que a internet trouxe ao mundos nas últimas décadas. Esta expertise faz com que profissonais da mídia tenham uma visão mais ampla de mundo e os torne desafiados a abraçar o universo da docência com um interesse pelo domínio também pedagógico do processo. Se o saber técnico e a experiência profissional são pontos importantes para avaliação de

um curso superior pelo MEC, dar às costas às formações continuadas é impossível, da mesma forma que a licenciatura e/ou a produção científica, por si só, também não bastam nos corpos docentes, então, estar em sala sem se qualificar para docência, é mais impossível ainda.

De um lado, a necessidade da formação com produtividade e a qualidade de novos profissionais ao mercado capitalista. Do outro, a importância de uma formação mais ampla, com significativa fundamentação teórico-científica, contextualizada no desenvolvimento do pensamento crítico diante da realidade. A questão reside em como equilibrar estes valores. (SOARES, 2014,P.131)

Entendemos que ser professor é um grande desafio que se constrói dia a dia, a partir do interesse, do posicionamento individual e do meio educacional onde estão inseridos. Aqueles que buscam este entrelaçamento de saberes, associando o técnico ao didático, garantem a qualidade nas tarefas que se dispõem a desempenhar, ou seja, o ensinar e aprender que são a base fundamental de um processo de docência onde todos ampliam conhecimentos. O jornalista, por efeito da profissão, corre contra o tempo e as inovações que chegam dia a dia na sociedade. A partir deste contexto, podemos entender que esse profissional tem uma missão dobrada com a consciência da importância da qualificação e do olhar especial que precisa ter com as relações e processos dentro de sala de aula.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que baseia-se em entrevistas e contextualização bibliográfica para buscar entendimento a cerca do tema proposto, como explica SANTOS:

A pesquisa acadêmica é, pois, uma atividade pedagógica que visa a despertar o espírito de busca intelectual autônoma. É necessário que se aprendam as formas de problematizar necessidades, solucionar problemas, indicar respostas adequadas etc. (SANTOS, 2006. p.24)

Assim, à luz da pesquisa científica, tentamos confirmar hipóteses e propor reflexões sobre quem é o professor no contexto universitário de jornalismo em Bagé e sua importância para a formação superior dos profissionais que ocuparão espaços nos meios de comunicação. O processo metodológico deste trabalho constitui-se primeiramente de uma pesquisa das definições necessárias para análise das

atividades profissionais utilizadas como recorte de observação e análise neste TCC, ou seja, as de bacharel em jornalismo e de licenciatura, com atenção na formação de professores.

A seguir, para fins de levantamento de dados para pesquisa qualitativa, foram feitos estudos investigativos por meio de entrevistas semi estruturadas com quatro, dos cinco docentes do curso de comunicação social da URCAMP, bacharéis em jornalismo. A abordagem de natureza qualitativa é apropriada, pois visa uma compreensão interpretativa e interativa a partir dos relatos destes jornalistas que ocupam também o espaço de docência.

Os dados foram apurados a partir da análise das respostas e relatos contidos nas entrevistas. É necessário fazer uso de uma visão geral sobre o material analisado, com técnicas de análise de conteúdo considerando a subjetividade e objetividade a partir de cada enunciado, e, assim, configurarmos a resposta do docente entrevistado. Dessa maneira, conseguimos compreender o que está subjacente nas palavras dos professores alvos de nossa pesquisa. Utilizaremos como base de análise os estudos de BARDIN (1977). De acordo com as pesquisadoras SILVIA & FOSSÁ (2015), que fazem uso das técnicas, o método é bastante aceito para atividades subjetivas com áreas da linguística, comunicação e docência por conseguir identificar interferências do conteúdo em seu contexto social:

A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que irá analisar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador. Na análise do material, busca-se classificá-los em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás dos discursos. (SILVIA & FOSSÁ, 2015, p.2)

É fator primordial que durante as análises seja feita uma relação da mensagem com a teoria, baseada no referencial teórico utilizado como suporte para essa pesquisa, só assim poderemos produzir uma análise confiável dos dados elencados durante as narrativas.

Durante a aplicação da técnica de análise de conteúdos é importante observar especialmente duas funções: Primeiro produzir questões com vistas a confirmar, ou não, as hipóteses estabelecidas antes do trabalho investigativo. Segundo, identificar os implícitos, aquilo que permeia os enunciados (indo além do que está aparentemente sendo comunicado). A partir dessa técnica podemos ter um

olhar investigativo com mais cientificidade, pois sabemos que as mensagens expressam significados e sentidos.

A análise de conteúdo caracteriza-se como um método específico, que parece mais claro e factível, em função da elaboração esquemática que o sustenta passo a passo, tornando-o mais rigoroso e menos ambíguo. Infere-se, que para este estudo em específico a observação in loco foi primordial para a condução da análise de conteúdo, contudo não se pode afirmar que a observação deve ser considerada primordial para análise de outros temas de estudo. (SILVIA & FOSSÁ, 2015, p.12)

As entrevistas in loco tendem a incentivar com que os personagens revelem melhor seus pensamentos e aspectos vivenciados, tanto na atividade profissional, quando no pessoal. Fato muito importante, já que no caso da proposta de investigação desse trabalho, os campos profissional e pessoal são bastante interligados para o desenvolvimento da prática docente dos nossos entrevistados.

O CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO URCAMP

O lócus de nossa pesquisa é o curso de Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade da Região da Campanha (URCAMP), Campus Bagé, com autorização de funcionamento a partir da resolução CONSUN/URCAMP Nº 05, de 11.12.1995, com reconhecimento através da Portaria MEC Nº 271 de 03.04.2017 – D.O.U 04.04.2017.

Forma profissionais para atuarem no mercado de trabalho como editor, repórter, apresentador (Rádio e TV), assessor de imprensa, produtor, diretor e atividades afins da área em espaços na internet e impressos em geral. São quatro anos de duração com 3005 horas de componentes curriculares. Recebeu nota 3 no ENADE – Exame Nacional de Cursos e concede o título de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

De acordo com a página no site da Universidade, o curso pretende se posicionar no mercado de trabalho como um diferencial:

O curso tem como diferenciais a prioridade em formar um profissional que recebe uma formação além do convencional. Cumpridas as exigências por um ensino humanizado, mas baseado em plena atividade prática, o jornalista formado pela Urcamp é preparado para entender e contribuir no contexto de transformação das mídias, novas tecnologias e linguagens a partir de intensa preparação para ser também um empreendedor na área de comunicação e defesa de projetos próprios. (<http://graduacao.urcamp.edu.br/index.php?id=521341> acessado em 06.11.17)

Sem dúvida, a política interna da Universidade é fundamental para formação continuada dos docentes que tem a missão de formar egressos qualificados e bem conceituados no mercado de trabalho. Para que os professores aprimorem o trabalho em sala de aula, a Pró-Reitoria Acadêmica desenvolve formações continuadas para os docentes, além de encontros presenciais, são oferecidos também treinamentos em plataformas virtuais para uso pedagógico. Há também, de acordo com a Pró-Reitora Acadêmica da URCAMP, professora M.Sc. Virgínia Dreux, um forte incentivo para as especializações.

3 A PESQUISA

3.1 OS PROFISSIONAIS PESQUISADOS

O corpo docente do curso de Comunicação Social da Urcamp é composto por oito professores ao total, três de disciplinas específicas e cinco técnicos da área, todos com formação mínima de especialista, predominando o mestrado. Essas informações são relativas ao segundo semestre do ano de 2017, período em que realizamos a coleta dos dados, porém, esse número pode variar de acordo com troca de professores, como o caso de afastamento por doença ou reta final de doutorado.

A pesquisa ocorreu junto aos professores que possuem formação em Jornalismo, no mês novembro. Quando foram feitos os contatos haviam 05 (cinco) professores em sala de aula, sendo três em substituição a professores afastados (dois por doença e uma por conclusão do doutorado). Quanto as respostas, uma encaminhou questionário por escrito, três aceitaram gravar entrevista e o quinto professor, por estar há apenas dois meses na função, preferiu não opinar. A partir dos dados coletados através das entrevistas, traçamos o perfil dos interlocutores da pesquisa, conforme quadro 01.

Tabela 01: Caracterização dos sujeitos da pesquisa (2017)

PESQUISADO	TITULAÇÃO	TEMPO DOCENCIA	ATIVIDADE PROFISSIONAL FORA DA URCAMP
Cristiane (01)	Especialização em Comunicação de Conflitos pela Universidade Autónoma de Barcelona (2002) e mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005)	13 anos	Assessoria de imprensa no setor público
Glaube (02)	Mestrado em Educação - PUC	20 anos	Jornal Impresso
Graciela (03)	Especialização em Gestão Estratégica e Comunicação Mercadológica, pela Faculdade de de Tecnologia Senac Pelotas.	Substituta: Há dois meses na URCAMP e há dois anos e três meses na Capacitar Escola Técnica	Assessoria de Imprensa no setor privado e em sindicato
Roberta (04)	Especialização em	Substituta:	Televisão

	Diversidade Cultural pela UNIPAMPA	Três (03) meses	
Lucas (05)	Mestrado em New Media and Web Practices pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal (2017)	Substituto, Um (01) mês	Rádio

Fonte: Tabela produzida pela autora do trabalho com base nos questionários.

Os dados apresentados no quadro 1, sugerem que há níveis bastante diferentes de experiência na docência e nas carreiras ligadas as suas formações como bacharéis em Jornalismo. Há profissionais com experiência nos principais segmentos da comunicação, ou seja, desde a assessoria de imprensa pública a privada, passando por rádio, TV e Jornal. Deste quadro, três professores possuem títulos de mestre, e os outros 2 com pós-graduação, um deles, obteve título de mestrado em outro país. Notamos, durante as entrevistas, que há uma grande preocupação com a qualificação, tanto na licenciatura quanto na área técnica de atuação.

O regime de trabalho é parcial, pois foram selecionados justamente pela experiência no mercado de trabalho, que garante o conhecimento da aplicação prática da profissão. Quando questionados sobre essa atividade concomitante, todos enfatizaram a importância de aliar a teoria com a prática, pois é o cotidiano que garante o entendimento da profissão, que está entre as que mais muda devido às tecnologias.

3.2 COLETA DE DADOS

Para coleta de dados utilizamos um questionário que serviu de base para as entrevistas em loco (anexo 01). Dos cinco que se enquadravam na proposta (jornalista que atua como docente) três aceitaram gravar entrevista, uma solicitou responder por e-mail e um alegou não sentir-se confortável em responder às perguntas, pois está há apenas um mês em sala de aula, na condição de substituto.

A abordagem direta foi extremamente positiva, uma vez que possibilitou interagir com os interlocutores e captar as impressões de cada um. As entrevistas foram feitas na própria universidade, também fomos recebida pela Pró-Reitoria Acadêmica onde tratamos sobre as atividades de formação continuada e política interna da instituição para fidelização do público interno, ou seja, dos estudantes.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Uma vez concluída a pesquisa e com os dados em mãos, partimos para a análise das respostas. Como forma de obter uma visão geral sobre o material escrito e falado, utilizamos técnicas de análise de conteúdo de BARDIN (1977) que propõe considerar a subjetividade e objetividade a partir dos enunciados, configurando eixos de análise e seus respectivos indicadores.

Buscamos entender de que maneira esses profissionais ingressaram e decidiram por aliar a docência com outras atividades profissionais. Queremos compreender como se constituem docentes, sendo oriundos de uma graduação com conhecimento puramente técnico da profissão.

Para definir os temas dos eixos e seus indicadores utilizamos os próprios questionamentos das entrevistas, em consonância com o referencial teórico, onde é possível compreender o necessário para ser um bom docente e as devidas correlações com a profissão jornalista. Para preservar a imagem e identidade dos sujeitos de nossa pesquisa, adotamos uma numeração para cada entrevistado. Três eixos e seus indicadores serão utilizados para análise do conteúdo.

Tabela 02: Eixo de análise I e indicadores (2017)

EIXO I	INDICADORES
COM FOCO NA CARREIRA JORNALÍSTICA	Fatores que determinaram a escolha pela docência
	Formações
	Desafios da profissão
	Relações do cotidiano
	Saberes docentes a serem construídos

Fonte: Tabela produzida pela autora do trabalho.

Tabela 03: Eixo de análise II e indicadores (2017)

EIXO II	INDICADORES
COM FOCO NA DOCENCIA	Motivação docente
	Desenvolvimento na profissão de docente
	Concepções de docencia / pedagógico
	Preocupação com formação do aluno
	Como pensa o ambiente de sala de aula
Processo ensino/aprendizagem	

Fonte: Tabela produzida pela autora do trabalho.

Tabela 04: Eixo de análise III e indicadores (2017)

EIXO III	INDICADORES
CORRELAÇÃO ENTRE AS PROFISSÕES	Como dialoga em sala com a prática e a teoria
	Desafios da tecnologia / mercado desafiador
	Missão com futuros colegas de profissão
	Jornalista/professor ou Professor/jornalista?

Fonte: Tabela produzida pela autora do trabalho.

As tabelas acima antecipam algumas das reflexões estabelecidas pelos entrevistados. Importante registrar que não se trata de uma divisão estática dos eixos e indicadores, pois os pensamentos, conceitos, ações e compreensões se mesclam entre os pontos observados. São aspectos das narrativas que apontam como estes profissionais executam e pensam a docência e quais motivos os levaram a associar a atividade jornalística com a de professor. A partir das perguntas procuramos entender este conjunto de habilidades e conhecimentos necessários para prática pedagógica, ou seja, como se constituem docentes. Como já citamos, dos cinco sujeitos que se enquadraram na pesquisa, um evitou responder ao questionário alegando falta de experiência mínima para opinar, embora tenha uma formação em nível de mestrado (fora do país) e ampla experiência no mercado das comunicações, portanto, temos quatro reflexões como base de pesquisa.

3.3.1 EIXO I

Na análise do Eixo I focamos nas declarações dos indivíduos enquanto Jornalistas, pinçamos dali como cada um pensou em associar suas atividades técnicas com as de docência, se foi uma alternativa financeira, um sonho, um acaso, um convite ou outro fator. Os dois primeiros indicativos, que tratam dos motivos que os conduziram a docência e especializações é bem variado. Podemos citar o caso da profissional, aqui identificada como número 03, que classifica sua atuação como uma possibilidade oriunda da experiência desenvolvida na docência em uma escola técnica de Bagé: “[...] Não houve uma razão específica. Foi uma oportunidade que surgiu, nos dois casos, tanto no Capacitar, quanto na Urcamp: num deixei currículo, por saber da existência de vaga, no outro, foi convite, por eu já ter experiência em sala de aula (Entrevistado 03)”.

Em contra ponto a experiência anterior, podemos citar as personagens 01 e 04 que garantiram que perceberam essa vontade de ingressar no mundo docente já enquanto estudantes de Jornalismo, porém, cada uma vivenciou uma realidade diferente:

[...] sempre gostei de pesquisa, então foi por ai. Eu fiz o TCC e gostei. Fiz a dissertação do Mestrado e gostei. Então foi mais por isso que eu acabei indo pra docencia e, ai depois, eu acabei também gostando do dar aula, mas primeiro foi por causa da pesquisa. Inclusive eu fiz Mestrado já pensando na docencia.(01)

[...] na verdade, no fim da graduação eu já tinha essa certeza de trilhar pelo caminho da docencia. Foi um desejo que eu deixei lá na hora em que concluí a graduação por que eu acabei me tornando mãe no mesmo tempo. [...] então quando ele entrou na vida escolar, no ano passado, eu achei que era a hora de retomar a minha, então eu apostei na especialização em Educação, na UNIPAMPA, já por acreditar que precisava retomar isso. Acredito ainda, que depois de muitos anos de profissão, entendemos que o Jornalista tem uma missão social muito grande e atuar em sala seria uma forma de realizar isso. (04)

Quanto ao entrevistado 02, a docência surgiu poucos anos após formado. O Mestrado em Educação veio a calhar com a carreira que estava iniciando (docência), em paralelo com a do jornalismo.

[...] eu comecei a dar aulas no curso de Letras da URCAMP em Caçapava do Sul, no ano de 1998 [...] quando eu iniciei a dar aula, eu já percebia a necessidade de me qualificar pra isso. Naquela época, a URCAMP já ministrava formações para professores que não tinham a licenciatura, que vinham do bacharelado como eu. A gente passava por cursos, então,

quando surgiu a oportunidade do Mestrado eu me inscrevi imediatamente.
(02)

Uma vez donos de conhecimento técnico é importante saber claramente como pensam essa transposição em sala de aula. O diálogo como ponto forte de um jornalista pode ser observado nas concepções de alguns dos sujeitos da pesquisa.

Para ser professor é preciso querer dialogar! Professor não é aquele que está disposto a ensinar, professor é aquele que está disposto a aprender. Permitir que meus encontros sejam significativos para as pessoas, porque eles vão ser significativos para mim (02).

Consigo ver uma diferença entre o saber técnico e a capacidade de repassar como conhecimento. Muitos professores que possuem vários títulos têm um saber técnico indiscutível, no entanto, não têm aptidão para o ensino, ou seja, não são capazes de repassar seu conhecimento. Lógico, existem exceções, assim como outros que não possuem tantos títulos e têm o dom de propagar/dividir conhecimento (03).

Sobre carreira jornalística e docência o MEC considera o notório saber, os anos de profissão e a URCAMP também, tanto que me contratou antes de eu terminar minha especialização (04).

São saberes docentes a serem construídos, com um olhar que valoriza a experiência e desafia o processo pedagógico. Os sujeitos da pesquisa se mostram muito conscientes neste sentido:

A razão do curso de jornalismo, de maneira geral, em qualquer universidade, é formar jornalistas para ocupar as redações dos mais diferentes veículos, bem como assessorias, e não professores. Quem opta em dar continuidade aos estudos, se qualificando como Mestre e Doutor, naturalmente, por uma questão cultural e acadêmica, acaba vivenciando mais de perto a licenciatura, do que aqueles profissionais que, de imediato, vão para o mercado de trabalho, e anos mais tarde decidem dar continuidade aos estudos, como no meu caso. Acredito que o desafio é manter-se atualizado, por isso, é tão importante dar continuidade aos estudos, sejam eles no nível que for: especialização, mestrado e doutorado. Contudo, a prática do trabalho também forma bons professores, que levam para a sala de aula informações reais e contextualizadas do dia a dia de um profissional da área. Portanto, aliar experiência à qualificação é fundamental. (03)

Discutir a complexidade dos próprios saberes técnicos pode facilitar a visão docente, no sentido de entender que a sala de aula é um espaço para construção de saberes e não mais uma via de mão única onde um sujeito emite e outro recebe passivamente. A profissão 'Jornalista' cumpre esse papel de questionar: "Cada vez é mais desafiador ensinar a profissão, pois os alunos vem sabendo muito,

principalmente de Internet. Essa troca é desafiadora, mas é muito boa também, porque muitas coisas aprendemos com eles. (Entrevistado 01)”.

3.3.2 EIXO II

No segundo eixo pretendemos observar mais profundamente suas ações na docência propriamente dita. Como buscam o desenvolvimento como professores, como veem os alunos e o espaço de sala de aula. Dos pesquisados, o profissional com mais experiência nos dois universos (sala de aula e jornalismo) possui uma visão muito alinhada com pensadores como João Wanderley Geraldi (2010) e Paulo Freire (1996) com relação às concepções pedagógicas:

Hoje, minhas leituras são feitas para me atualizar em minha carreira e para me atualizar no convívio com os meus alunos, porque professor que não consegue ler os mesmos códigos que seus alunos está fadado ao insucesso.(02)

[...]A sala de aula não é um lugar onde um vai ensinar e outro vai aprender. A sala de aula, pra mim, acho que para educação como um todo, precisa ser um ponto de encontro. Na verdade, a sala de aula é um ponto de encontro. O que acontece ali é um diálogo, significa que os dois, as duas dimensões integradas, tem que falar, tem que se comunicar, tem que interagir. Não adianta um falar e outro ouvir. É um espaço onde a gente vai para discutir. (02)

GERALDI diz o que? Em determinado momento ele fala do professor que não é responsivo, ou de um processo que não é responsivo. O professor pede um trabalho, o aluno escreve, o professor vai ali e dá um visto e devolve. Será que é isso que o aluno queria do professor? E é isso que a gente tem discutido muito em sala de aula [...] como o aluno vai escrever e o professor não vai ler? Tem que ler! Quando eu escrevo, escrevo para alguém e o professor tem que se colocar como interlocutor [...] o aluno, muitas vezes, não quer nem a nota, ele quer saber se tava bom o texto (02).

A entrevistada número 01, conta com 13 anos de experiência em sala, todos no curso de Comunicação Social da URCAMP, e possui uma visão bastante direta do papel do professor moderno. Acredita que os alunos já vem com algum conteúdo mínimo sobre o trabalho jornalístico, uma vez que a sociedade, inevitavelmente, mantém contato com os diferentes produtos (radio, TV, jornal, internet) além disso, esses universitários dominam às tecnologias, geralmente, mais que os próprios mestres.

O jornalismo é um dos cursos que mais mudou nos últimos anos. São muitas tecnologias e tudo junto ao mesmo tempo [...] outra coisa, cada vez mais temos que saber lidar com pessoas. Então não adianta apenas saber o conteúdo, de turma para turma a gente tem que mudar o nosso método de ensinar. (01)

Em alguns casos, durante as entrevistas, o fator motivação docente se misturou com as preocupações que manifestaram ter com a formação de cada aluno. Há também visões românticas sobre a docência:

Muito do que me move na docência é justamente saber que eu não consigo transformar o mundo com a informação, mas se eu conseguir transformar uma pessoa já está valendo. Então, se eu consigo transformar hoje um jornalista, fazer com que ele saia de uma Universidade com todo esse compromisso e também com esse idealismo todo [...] esse é meu papel como docente: fazer novos agentes transformadores. (04)

[...] penso que não devo formar só para o conteúdo deles, de jornalistas, garantir que saibam aplicar a técnica, mas formar pessoas que consigam ser éticas e que também tenham alguma representatividade aqui na região da campanha. Que tenham papel social. [...] Eu acho que a gente tem que ter essa responsabilidade, de saber que a profissão é a única coisa que tu leva para a vida toda. Olha nossa responsabilidade com a vida deles! (01)

Observamos nos relatos reflexões que demonstram uma preocupação com o fazer pedagógico: Como pensam às aulas, o ambiente em sala e o desencadeamento do processo educativo. São posicionamentos que vão desde a postura do ponto de vista humano até o didático. Os Jornalistas parecem repassar este olhar humano que a comunicação exige para a condição de professor. Podemos exemplificar através o relato do indivíduo 02, que afirma: “Eu penso que o que desencadeia o maior processo educativo é a amizade e, depois da amizade feita, preservá-la. Existe um mote afetivo do aprendizado! [...] (Entrevistado 02)”.

Sobre o plano de aula estão bastante conscientes de que é necessário olhar individualmente para cada turma e/ou alunos. Este pensamento comum aos quatro sujeitos da pesquisa, pode ser um reflexo do Programa de Formação de Docentes que a Universidade oferece - e exige - a participação de todos professores, com ou sem licenciatura.

A gente faz o plano, apresenta nas primeiras aulas, só que não é nada engessado, vai mudando de acordo com o perfil de cada turma. [...] sobre a avaliação final, considero muito o que diz a avaliação institucional, preenchida pelos alunos, que vai para o professor e a gente sente onde precisa melhorar para o próximo semestre. É bem bom para se auto avaliar, saber como estamos (01).

Em geral, o plano de ensino já é sugerido/exigido pelo MEC. No meu caso, procuro sempre levar para a sala de aula, em qualquer disciplina, exemplos reais, a fim de tornar o acesso à informação mais fácil, mas sempre respeitando a base tecnológica da disciplina [...] cada turma traz novos alunos, com experiências de vida e exigências diferentes, que, por vezes, fazem com que tenhas que adaptar conteúdo, ou, até mesmo,

comportamento, diante das situações. Observar alunos e a si mesmo é mais do que necessário. (03).

Acredito que exista uma diferença entre compartilhar conhecimento técnico e o dar aula. Uma aula tem que ser preparada de acordo com a turma que a recebe. As duas primeiras aulas para mim são diagnósticas [...] a gente (jornalistas) tem essa coisa do imediatismo, das mudanças muito rápidas e, talvez, a docência ela caminhe num ritmo mais lento nesse sentido dentro das instituições [...] acho que o jornalista é meio ligeiro por natureza e a docência precisa disso também, ou seja, não posso tirar da gaveta um plano de ensino que preparei para o semestre passado para aplicar neste. Eu preciso refazer, reformular, entender a turma (04).

Eu costumo empreender um modelo de encontro, isso é planejado pelo plano de ensino. As primeiras aulas são diagnósticas, porque é importante saber que não tem uma turma igual a outra, tu nunca consegue dar a mesma aula para grupos diferentes e isso precisa estar impregnado no processo educativo. Isso a gente debate, a gente discute com os nossos colegas para que eles entendam isso [...] hoje em dia, as turmas chegam com níveis diferentes de preparação, então é preciso esse diagnóstico (02).

3.3.3 EIXO III

No eixo três tentamos compreender pontos comuns entre as duas profissões, ainda que, nos eixos anteriores, aspectos assim já tenham sido revelados. Perguntamos pontualmente suas missões com esses futuros profissionais e como se constituem professores. É ponto comum aos entrevistados uma carreira jornalística consolidada, com anos de inserção no mercado, cada um em diferentes segmentos, compondo um grupo com conhecimentos diversos, o que agrega bastante para a graduação.

Estes profissionais tem, primeiro de tudo, um olhar para o que consideram sua profissão: O Jornalismo. Mesmo falando no 'dar aula' não desvinculam os desafios da comunicação social e as relações do cotidiano que os constituem como profissionais em um mercado em desenvolvimento acelerado:

[...] Hoje em dia, no processo educativo, com as transformações que a gente encontra [...] para ser um professor de jornalismo tem que partir da ideia de que talvez não haja um setor mais afetado pelas mudanças da tecnologia, alteração dos comportamentos, redes sociais e por essas novas plataformas do que o da comunicação. Hoje o jornalismo se questiona. Se questiona não no sentido de como fazer, mas até por que fazer. As redes sociais estabeleceram uma espécie de consumidor de informações, que, ao mesmo tempo, é produtor de conteúdo, então, hoje não se precisa mais de um jornalista para produção de conteúdo, entende? Isso é profundo! Isso é uma coisa que questiona nossa relação como ser humano, mas também nossa atuação como professores de jornalistas para o futuro. Precisamos chegar ao ponto de conseguir definir qual nosso papel nessa história toda. Esse é o nosso caldeirão. É o que a gente vive hoje e a gente precisa elaborar às respostas para esses questionamentos, que na verdade não existem ao certo. (02)

A questão do jornalismo é tão viva na nossa sociedade, não tem ninguém que não lide diariamente com jornalismo (escute rádio, assista TV, leia jornais e, principalmente, acesse conteúdo na internet), isso deixa nossa profissão muito próxima de todos, assim, ensinar jornalismo é muito mais humano que as outras (profissões). Acho mais fácil de ensinar, porque todos vem com uma base do que seja, o professor vai deixar mais técnico (01).

Esses novos jornalistas que estão indo para o mercado, eu acho, tem esse compromisso com a verdade, que é tão grande e eles precisam, sim, ser educados para isso. Até para terem todo esse compromisso. Eu acho que ser um bom jornalista passa pela área da educação, da ética, do entendimento e da área da crítica. Eu sempre quis compartilhar a minha experiência, o meu conhecimento, meus pensamentos sobre a profissão, mas achava que eu precisava me especializar para fazer esse compartilhamento (04).

Sobre a missão na preparação dos futuros jornalistas relatam:

Promover um encontro com a profissão. Encantar. Fazer com que os alunos se encantem com o que estão fazendo, melhor, com o que ainda tem por fazer [...] Sempre penso, quanto um professor – postura de professor – tem uma referência base nas perspectivas de futuro das pessoas (02).

Minha missão é de uma responsabilidade enorme, por isso, é muito necessária a qualificação constante. Por mais que saibamos que o interesse em aprender seja do aluno, buscar maneiras de motivá-lo, repassando conhecimento, dividindo experiências, são responsabilidades do professor, que, na minha opinião, deve ser uma pessoa acessível, e não arrogante por ocupar tal papel (03).

Motivar o aluno, fazer com que eles questionem, fazer com que eles abram o pensamento para as coisas mais importantes, mais relevantes, fazer com que eles sejam leitores, sejam críticos. Que não sejam apenas consumidores de informação, nem reprodutores, porque hoje em dia, qualquer um é reprodutor de informação com um celular na mão consegue reproduzir qualquer coisa. Então fazer com que eles tenham esse compromisso, esse entendimento da profissão que eles escolheram é o maior desafio e a maior missão também (04).

Sobre como se constituem docentes: “Eu me constituo professora sempre tentando me atualizar. É muito gratificante ver os alunos chegarem e dizerem: Eu aprendi isso contigo! (Entrevistado 01)”. “No meu caso, não teria me tornado professora, se, enquanto jornalista, não tivesse experiência na área e, tampouco, me especializado, dado continuidade à busca pelo conhecimento (Entrevistado 03)”. “Eu me constituo no dia a dia, me especializando para a função que estou exercendo, buscando ter técnicas que me ajudem a uma performance melhor em sala de aula (Entrevistado 04)”.

Por fim, em resposta a pergunta: - Considera-se um Jornalista/professor ou um Professor/jornalista? No caso da entrevistada 01, “Sou uma jornalista/professora porque primeiro me formei em Jornalismo”. O sujeito 03, “Sem dúvida, sou uma jornalista/professora, até mesmo por, hoje, ocupar as duas funções.” No caso da 04:

Tenho a plena convicção de que sou uma Jornalista que estou agora professora. Quem sabe um dia eu possa me equiparar como docente, como me considero hoje jornalista, com 20 anos de carreira. Eu sou uma jornalista, que é minha graduação e estou me constituindo docente (04).

Assim, podemos notar que os jornalistas em questão se sentem primeiro um profissional da comunicação e procuram se qualificar para, quem sabe um dia, se reconhecerem docentes.

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma análise, a partir do olhar e do campo reflexivo dos envolvidos, de como os Jornalistas se constituem Docentes no curso de graduação em comunicação Social da região de Bagé RS. Os dados coletados entre os bacharéis que atuam como professores universitários preparando novos profissionais para o mercado de trabalho, revelaram que existe uma preocupação com o fazer pedagógico e com as relações desses bacharéis em sala de aula. Há dois aspectos que podem responder esta questão. Primeiro, poderia ser a pressão interna da instituição, exigindo a participação dos docentes em formações pedagógicas e adequações ao Ministério da Educação – MEC e, em segundo, as próprias buscas pessoais configuradas em especializações.

Nos propomos analisar também as diferenças entre a profissão jornalista e o professor universitário em sala de aula, porém, nos deparamos muito mais com semelhanças, do que com diferenças. As experiências apontaram que a constante movimentação do cenários das comunicações acaba se refletindo no cotidiano docente. Na totalidade, os pesquisados tem muita experiência com o jornalismo, adquiriram um olhar humano sobre a sociedade que facilita as relações em sala de aula. Ao mesmo tempo, relatam as dificuldades do dia a dia, turmas com níveis diferentes de interesse, de leitura e de capacidades. O desafio de tornarem a aula atrativa e de envolvê-los nos projetos.

Um ponto fundamental da pesquisa foram os motivos que os conduziram para docência. Em dois casos, houve o desejo desencadeado durante a graduação e, a partir daí, optaram por especializações alinhadas com a docência. O terceiro caso, por um convite devido a sua experiência técnica e a necessidade urgente de um substituto e, por fim, o professor com maior experiência, também abraçou uma oportunidade quando foi convidado e passou a construir um conhecimento pedagógico que hoje é referência entre os colegas.

Uma hipótese levantada durante os questionários foi a de *quem sabe fazer, sabe ensinar* se isso por si só bastaria. Retornando ao primeiro parágrafo desta conclusão, ficou muito claro que se preocupam com o planejamento das aulas, mas reconhecem que o notório saber foi o que despertou na universidade o interesse pelo trabalho deles. Também podemos notar – subjetivamente – que suas carreiras

solidificadas foram o mote para integrarem o grupo de professores e, a partir disso, precisaram pensar ou qualificar o processo ensino-aprendizagem.

O trabalho de forma alguma pode ser fechado aqui. Tais análises partiram da reflexão dos entrevistados, são pontos de vista das suas experiências, ou seja, um olhar interno desses profissionais. Há um campo aberto para continuidade das pesquisas como, por exemplo, a possibilidade de cruzar dados com a percepção dos alunos ou a análise dos conteúdos. Acredito que para eles foi importante este raciocínio sobre o próprio fazer. Como conclusão fundamental podemos afirmar que todos se consideram primeiro jornalistas e conseqüentemente, professores em construção e que se constituem docentes no dia a dia especializando-se para a profissão.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi também muito importante para minha formação como professora, pois como graduada em jornalismo, há quinze anos, por esta universidade abordada aqui, retomar os contatos, conversar com um antigo professor, rever uma colega de aula e companheira de profissão por mais de sete anos, hoje como docente, me deu uma nova dimensão para ambos os campos do conhecimento. Revisitar o curso que me constituiu como jornalista, hoje como professora de Letras, dá a exata noção de que a renovação, busca pelo conhecimento e o compromisso com a profissão garantem sucesso a qualquer campo do conhecimento.

5 REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L.G.C. *Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica*. IBPEX, Curitiba, 1998.

BITTENCOURT, Ricardo Luiz e CAMERINI, Neila Carla de, (Organizadores). *Perspectivas atuais na formação de professores (Série Perspectivas atuais na formação de professores vol. 1)*. Rio de Janeiro: Dicio Brasil, 2016.

CUNHA, Maria Isabel da. *Políticas públicas e docência na universidade: novas configurações e possíveis alternativas*. Revista Portuguesa de Educação, vol. 16, núm. 2, 2003, pp. 45-68 Universidade do Minho Braga, Portugal.

_____. *Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a docência e sua formação*. Educação, Porto Alegre (RS), ano XXVII, n.3 (54), p. 525-536, set/dez 2004.

_____. *A docência como ação complexa*. In: CUNHA, M. I. da (Org.). *Trajetórias e lugares de Formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*. Araraquara, São Paulo: Junqueira&Marin, 2010. p.19-34.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*, <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>, acessado em 06/10/2017.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LEI 5540/68 (REFORMA UNIVERSITÁRIA)
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L5539.htm Acesso em: .

NÓVOA, António (org.) *Vidas de professores*. Porto, Porto Editora, 1993.

Profissionalização continuada do docente da educação superior: desafios e possibilidades. Revista Olhar de professor, Ponta Grossa, 8(1): 09-22, 2005

Página do curso de comunicação social
<http://graduacao.urcamp.edu.br/index.php?id=521341> acessado em 06.11.17)

_____. *Relação escola/sociedade: novas respostas para um velho problema*. Coleções:Objetos Educacionais Unesp. Endereço permanente: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/24>. Data de publicação: 7-Jan-2010

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica a construção do conhecimento*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SCHIMIDT, Maria Luísa, MAHFOUD, Miguel – *Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência* – Psicologia USP, S. Paulo – V.4 - n. 1/2, p. 285-298, 1993.

SILVA, Andressa Hennig; Maria Ivete Trevisan Fossá, Qualit@s ANÁLISE DE CONTEÚDO: EXEMPLO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS. Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1 (2015), <file:///C:/Users/Lara%20Denise/Downloads/2113-7552-1-PB.pdf> acessado em 13/11/2017

SOARES, Mariza. Cadernos de Educação, v.13, n. 26, jan.jun.2014.

SOUZA, Jorge Pedro. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Média*. 2a edição revista e ampliada. Porto, 2006.

6 ANEXOS

Apêndice 1:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Curso Superior de Licenciatura em Letras Trabalho de Conclusão de Curso

DA REDAÇÃO À SALA DE AULA: COMO OS JORNALISTAS SE CONSTITUEM DOCENTES NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL DA URCAMP BAGÉ RS.

DISCENTE: Lara Denise de Medeiros Rodrigues

ORIENTADOR: Dr. Alessandro Carvalho Bica

Este trabalho tem como objetivo **pesquisar docentes bacharéis em jornalismo que hoje atuam como professores universitários preparando novos colegas para o mercado de trabalho**. A ideia é traçar um entendimento sobre como encaram e constroem sua condição de professores universitários. A análise ocorrerá a partir dos próprios relatos dos profissionais.

A temática central da pesquisa está em **identificar quais elementos constituem estes jornalistas professores, já que estão em sala de aula e preparam novos profissionais para o mercado de trabalho**. Afinal, existe diferença entre *dar aula* e *ser professor*? Existe uma exigência ou foco na formação de professores? O trabalho pretende **abordar a formação de professores, pois este é um viés obrigatório nos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)**.

A discussão final se dará sobre o pensamento de construção individual destes profissionais. Para buscar esse entendimento será necessário **conceituar inicialmente o que é ser professor, o papel da didática, das práticas pedagógicas e das especializações na área educacional para os jornalistas participantes da pesquisa**.

QUESTIONÁRIO:

1. Nome completo, graduação e especializações.
2. Quantos anos de formado
3. Quanto tempo em sala de aula
4. Quais componentes que dá aula
5. Na escolha pelas especializações o que foi levado em conta, ou seja, já havia um olhar para a licenciatura?
6. Quais os desafios encontrados durante a sua formação que serviram de exemplo/ experiência quando trocou de lugar em sala de aula?
7. Como pensa o plano de ensino?
8. Há adequação para cada turma?
9. Avalia a atuação a cada fim de semestre?
10. O que te levou a buscar a carreira de docente?

11. O que o pensa sobre o seu papel hoje para formação do profissiona de amanhã?
12. Consegue ver uma diferença entre o saber técnico e a capacidade de repassar como conhecimento?
13. Se considera um jornalista/professor ou um professor/jornalista?
14. Quais foram os maiores desafios até o momento na vida docente?
15. Enquanto jornalista, como você se constitui professor?